

## Metal Criativo: um estudo sobre a Cogumelo sob a ótica dos 3 Ts de Richard Florida

Silvia Borges Correa<sup>1</sup>  
Daniel de Miranda Carvalho<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho apresenta uma análise sobre a Cogumelo, uma loja de discos de rock fundada em 1980 em Belo Horizonte (MG) que, em 1985, passou a abrigar o selo Cogumelo Records. O objetivo principal é analisar a Cogumelo enquanto território criativo agregador do *heavy metal* belorizontino. A análise é balizada pela teoria dos 3 Ts (Tecnologia, Talento e Tolerância) de Richard Florida. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa realizada por meio de pesquisas bibliográfica e documental. Constatou-se que a Cogumelo além dos 3 Ts como sustentação criativa de seu território, é importante considerar também uma dimensão cultural específica relacionada à “tradicional família mineira” como elemento cerceador do movimento musical *heavy metal*, fato que, paradoxalmente, propulsionou o desenvolvimento criativo desse movimento.

**Palavras-chave:** Economia Criativa. *Heavy Metal*. Cogumelo Records.

### Abstract:

This paper presents an analysis about Cogumelo Records, a rock record store founded in 1980 in Belo Horizonte (MG), which in 1985 started to house the Cogumelo Records label. The main objective is to analyze Cogumelo Records as a creative territory that aggregates Belorizontine Heavy Metal. The analysis is guided by Richard Florida's 3 Ts (Tolerance, Talent and Technology) theory. In methodological terms, this is an exploratory research with a qualitative approach carried out through bibliographic and documentary research. It was found that Cogumelo not only presents the 3 Ts as a creative support for its territory, but there is also a cultural dimension related to the “traditional Minas Gerais family” in the forms of repression suffered by the heavy metal musical movement, a fact that, paradoxically, propels the creative development of this movement

**Keywords:** Creative Economia. Heavy Metal. Cogumelo Records.

---

<sup>1</sup> Professora Titular do Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa (MPGEC) da ESPM Rio - sborges@espm.br

<sup>2</sup> Mestrando do Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa da ESPM Rio

## Introdução

Autores como Howkins (2001) e Florida (2002) evidenciam e explicam o modo como atributos abstratos vêm ganhando maior relevância frente a atributos concretos no processo de geração de valor das organizações e no desenvolvimento econômico de cidades e regiões. A partir dessa ideia, é possível refletir sobre o surgimento de espaços ou territórios propensos ao florescimento da criatividade. Com o intuito de compreender reflexivamente a realidade brasileira a partir teorias que foram criadas em países com características bem diferentes da realidade do Brasil, este trabalho buscou analisar a gravadora independente Cogumelo Records por seu importante papel no sucesso do movimento *heavy metal* mineiro e brasileiro.

A Cogumelo foi fundada em 1980 no centro de Belo Horizonte (MG) com o objetivo de comercializar discos e fitas. Grande parte do diferencial da loja estava na variedade de discos raros, entre os quais destacavam-se os segmentos de Rock, MPB e Jazz. Com o tempo, sua proprietária percebeu a oportunidade de segmentar seu negócio para o público amante do *heavy metal*. Aos poucos o negócio passou de loja de discos a ponto de encontro dos “metaleiros”. Naquela época diversas bandas do estilo estavam em formação em Belo Horizonte e muitas delas frequentavam a Cogumelo como um dos principais pontos de encontro dos “metaleiros” da capital mineira para beber, comprar discos, socializar e conversar sobre música, em geral, e sobre *heavy metal*, em particular. Em determinado momento a Cogumelo percebe a oportunidade de gravar as bandas que ali existiam e inicia-se a Cogumelo Records, que posteriormente atuaria também como produtora independente.

Buscando analisar o caso da Cogumelo Records pensada enquanto agente propulsor de um território criativo agregador do *heavy metal* belorizontino, recorre-se, num primeiro momento, à teoria dos 3 Ts (Tecnologia, Talento e Tolerância) de Florida (2002). O autor realizou uma série de estudos e estabeleceu a teoria que afirma a necessidade de que territórios desenvolvam três habilidades, que ele nomeia como 3 Ts, como estratégia para atração de

peças da classe criativa e para desenvolvimento das cidades. Sua teoria pressupõe que um território criativo apresente os 3 Ts. No entanto, além dos 3 Ts, o caso da Cogumelo permite incorporar um elemento adicional na análise: um aspecto da cultura local que pode ser resumido na expressão “tradicional família mineira”, uma complexa configuração de elementos de caráter conservador em relação aos costumes que atuou em contraposição ao processo de expressão dos “metaleiros” em Minas Gerais. Este é o argumento central deste artigo que se propõe a compreender aspectos da realidade brasileira a partir de um olhar relativizador para teorias que foram elaboradas em contextos de países com características culturais e realidades socioeconômicas bem diferentes daquelas que encontramos no Brasil. O caso da gravadora independente Cogumelo Records foi escolhido por sua importância no sucesso do movimento *heavy metal* brasileiro e foi analisado a partir de pesquisas bibliográfica e documental.

### **Tecnologia, Talento e Tolerância: os 3 Ts**

A pós-modernidade trouxe consigo vários questionamentos, entre eles a competência de organizações de estruturas tradicionais e estáticas em permanecerem sólidas nos dias de hoje. Bauman (2001) traz consigo a elaboração do conceito de modernidade líquida, uma nova época em que as certezas de outrora dão lugar a dúvidas e questionamentos, em que estruturas sociais bem estabelecidas são substituídas por outras mais flexíveis e adaptáveis, e em que a rigidez das organizações sai de cena e surgem diversas outras formas de gestão que estão mais alinhadas com o comportamento da sociedade atual.

Neste mesmo contexto, atributos abstratos vêm assumindo maior relevância frente a atributos concretos no processo de geração de valor das organizações e no desenvolvimento econômico de cidades e regiões (HOWKINS, 2001; FLORIDA, 2002). O sucesso, segundo Howkins (2001), reside na capacidade que empresas, segmentos de mercado e territórios possuem em integrar criatividade e conhecimento para geração de valor e

vantagem competitiva, estratégia utilizada, sobretudo, por países desenvolvidos entre os quais destacam-se a Austrália e o Reino Unido, no final dos anos 1990. A necessidade de compreender a realidade de transformações e o processo de surgimento de espaços ou territórios propensos ao florescimento da criatividade faz com que sejam construídos conceitos e teorias, tais como economia criativa e classes criativas, elaboradas por Howkins (2001) e Florida (2002), respectivamente.

Numa tentativa de interpretação da nova realidade socioeconômica, surge o conceito de economia criativa em que a cultura repleta de seus elementos simbólicos transborda para áreas mais tradicionais da economia. O termo cunhado pelo próprio Howkins (2001) até hoje apresenta dificuldade de consenso, sendo muitas vezes utilizado indistintamente e/ou confundido com indústrias culturais, economia da cultura ou indústrias criativas, o que dificulta uma definição consensualmente universal acerca do tema (NAÇÕES UNIDAS, 2012). Há também uma grande dificuldade no que tange à conciliação de criatividade, cultura e negócios:

A maioria dos países concordaria em dizer que a criatividade e seus setores abarcam a imaginação criativa em todas as suas formas. Porém alguns, entre os quais a Grã-Bretanha e a Austrália, restringem o termo “setores criativos” às partes e aos segmentos culturais, excluindo os setores de ciências e patentes. Trata-se de uma extensão lamentável da tendência histórica de manter as artes e as ciências muito distantes (HOWKINS, 2001, p. 17).

Apesar dessas questões de equívocos de definição e de conciliação de interesses, pode-se caracterizar a economia criativa como “processos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que são constituídos a partir da conjugação entre criatividade e capital intelectual. Seu resultado é capaz de gerar riquezas, impacto social e diversidade” (HOWKINS, 2001, p. 17).

Florida (2002) realiza uma série de estudos e estabelece a teoria que afirma a necessidade de que territórios desenvolvam três habilidades que ele nomeia de 3Ts – Tecnologia, Talento e Tolerância – como estratégia para a atração de

peças da classe criativa e para o desenvolvimento das cidades. Sua teoria pressupõe que um território criativo apresentaria os 3 Ts.

A teoria dos 3 Ts é criticada em diversos aspectos por Vivant (2012). A crítica em si não está relacionada aos Ts exatamente e a autora não questiona exatamente a lógica de diversidade proposta pelo T de tolerância ou a não necessidade de pessoas talentosas e de tecnologia. Sua crítica está enraizada no processo que Florida utiliza para estabelecimento da teoria. A utilização de estatísticas como o índice boêmio, a proporção de imigrantes e a concentração de gays para estabelecimento do coeficiente do indicador de tolerância; a utilização da formação acadêmica como proporção para definir talento e a concentração de empresas de tecnologia para estabelecimento de tecnologia parecem ser insuficiente para sustentar a teoria dos 3Ts (VIVANT, 2012).

Apesar dessas e de outras críticas (TREMBLAY, 2011), tecnologia, talento e tolerância seguem pautando muitos estudos acadêmicos e projetos de poder público acerca de territórios e cidades criativas ao redor do mundo. Para o caso específico da Cogumelo Records, a teoria dos 3 Ts apresenta-se como uma referência pertinente para a análise do contexto musical de *heavy metal* de Belo Horizonte.

## A Cogumelo

A Cogumelo foi fundada em 1980 no centro da cidade de Belo Horizonte com o objetivo de comercializar discos e fitas. Grande parte do diferencial da loja estava na variedade de discos raros onde destacavam-se os segmentos de Rock, MPB e Jazz. Naquele momento a empresa não vislumbrava qualquer possibilidade de se tornar uma gravadora ou até mesmo atender ao público amante de *heavy metal*.

Depois de alguns anos, sua proprietária, Patrícia, percebeu a segmentação do seu negócio para o público amante do *heavy metal* como uma oportunidade viável. Pouco a pouco o negócio deixou de ser mais uma loja de discos da cidade e passou a ponto de encontro dos “metaleiros”. Naquela época diversas bandas do estilo estavam em formação em Belo Horizonte e muitas delas frequentavam

a Cogumelo como um dos principais pontos de encontro dos “metaleiros” da capital mineira para beber, comprar discos, socializar e conversar sobre música, em geral, e sobre *heavy metal*, em particular. Como destacam Silva, Nascimento, Diniz (2018),

(...) a cena heavy-metal foi marcada inicialmente por iniciativas isoladas e fragmentadas, restringindo-se à esfera dos bairros, onde os encontros, trocas e a produção musical aconteciam. Porém, a unidade deste movimento se deu graças à criação de dois espaços icônicos: a loja Cogumelo, especializada em discos e fitas; e as sessões de vídeo de heavy-metal do ICBEU. Esses lugares emblemáticos tornaram-se pontos de encontro e espaços de socialização dos headbangers, permitindo que as produções que até então se encontravam circunscritas aos bairros de origem das bandas pudessem circular, dinamizando a difusão da cena (SILVA; NASCIMENTO; DINIZ, 2018, p. 659).

Passado mais algum tempo, a Cogumelo percebe a oportunidade de gravar as bandas que ali existiam e inicia-se a Cogumelo Records que posteriormente atuaria como produtora também independente. Os anos de 1980 e 1990 foram marcados por uma explosão do movimento de *heavy metal* brasileiro e a cidade de Belo Horizonte se destacou no cenário mundial. É importante registrar que todas as bandas mineiras do estilo que alcançaram qualquer sucesso neste período foram gravadas pela Cogumelo Records. Silva, Nascimento, Diniz (2018) apontam para a relevância da gravadora e destacam bandas gravaram e lançaram seus primeiros discos pela Cogumelo Records:

A Cogumelo, que acabou se tornando um selo especializado em produções fonográficas de heavy-metal (Cogumelo Records), foi responsável pela gravação dos primeiros discos e o lançamento de bandas que hoje são consideradas clássicas do heavy-metal mundial: Overdose, Mutilator, Holocausto, Sepultura e Sarcófago, dentre outras. Destaque-se que o primeiro disco da gravadora, disputadíssimo entre os fãs, foi um split álbum que contava com músicas do Sepultura, de um lado, e o Overdose, do outro (SILVA; NASCIMENTO; DINIZ, 2018, p. 659).

Além de loja e selo especializados, a Cogumelo desempenhou outro papel importante no universo musical, pois representou um ponto de encontro, um espaço de convivência e de sociabilidade para a “tribo” *heavy metal*, como já

apontado anteriormente. Trata-se, portanto, de pensar a Cogumelo enquanto território criativo agregador do *heavy metal* belorizontino, analisando pela perspectiva da teoria dos 3 Ts de Richard Florida.

### **A Cogumelo, os 3Ts e a TFM (“tradicional família mineira”)**

Tecnologia, talento e tolerância. Esses são os 3 Ts que Florida (2002) aponta como elementos fundamentais e estruturantes para o florescimento da criatividade e o consequente desenvolvimento econômico de cidades e regiões.

Numa primeira olhada para o caso da Cogumelo, a tecnologia talvez apareça como o T mais importante do movimento *heavy metal* belorizontino, já que os músicos não tinham equipamentos de qualidade e não conseguiriam immortalizar suas obras ou até mesmo difundir seu trabalho criativo. A Cogumelo Records possibilitou a que os músicos pudessem aperfeiçoar suas composições, por meio de instrumentos de qualidade alugados e do processo de gravação com profissionais competentes. Possibilitou também a immortalização de suas obras e a sua difusão, pois vendia os discos e produzia diversos shows em Belo Horizonte e na região sudeste.

Em se tratando do talento, não há como negar que as bandas de *heavy metal* esbanjavam talento, mas é interessante considerar a influência que a Cogumelo Records teve na viabilização ou potencialização de todo esse talento. O que se destaca é a possibilitada pela existência de um espaço de encontro e de sociabilidade propício para a troca entre músicos e para a difusão de bandas tão talentosas.

O terceiro T, a tolerância, é aquele que mais atenção desperta e que propicia análise mais profunda no caso da Cogumelo.

Florida (2002) parte do pressuposto de que para se atrair indivíduos criativos é necessário o desenvolvimento de um espaço aberto à diversidade. Segundo o autor, pessoas da classe criativa são atraídas por espaços diversos com possibilidade de expressão. Assim como Quigley (1998) afirma, refletindo sobre a diversidade urbana e o crescimento econômico, que a economia regional se beneficia da presença de um conjunto diversificado de empresas e indústrias,

Florida (2002) defende que espaços criativos se beneficiam da diversidade de pessoas.

Se, na Cogumelo, o aspecto tolerância for analisado considerando apenas a questão da diversidade instaurada, ou seja, da variedade de perfis que integram o ambiente estudado, tem-se como resultado um espaço completamente homogêneo. Florida (2002) destaca a importância da diversidade e da tolerância para o desenvolvimento de territórios, em particular das cidades que se querem criativas, e afirma que:

Há muito Jane Jacobs destacou a importância da diversidade – tanto de empresas quanto de indivíduos – para a inovação e o crescimento urbano. Segundo Jacobs, as grandes cidades são lugares em que as pessoas de praticamente qualquer perfil são bem-vindas para transformar sua energia e suas ideias em inovações e prosperidade (FLORIDA, 2002, p.250).

Com relação à tolerância, a Cogumelo se destacava como um espaço propenso ao acolhimento, ao pertencimento e à identidade. Pode-se dizer, então, que a Cogumelo provia um espaço altamente tolerante. Cabe, no entanto, aprofundar as análises do atributo de tolerância, introduzindo um elemento cultural adicional: o conservadorismo presente na sociedade mineira. Se por um lado, a Cogumelo representou um espaço altamente tolerante, por outro, não se pode desconsiderar o contexto de repressão sofrida pelos integrantes do movimento *heavy metal* de Belo Horizonte e gerada por uma cultura menos afeita à diversidade. Há uma participação clara do espectro da “tradicional família mineira” nas formas de cerceamento sofridas pelo movimento musical, fato que, paradoxalmente, propulsionou o desenvolvimento criativo do movimento capitaneado pela Cogumelo.

A “tradicional família mineira” pode ser entendida como um conjunto de núcleos familiares estruturados segundo o modelo patriarcal, do tradicionalismo e dos valores da Igreja Católica. Esse modelo orienta os valores sociais que, independente da classe social, estão presentes nas famílias mineiras; valores que incluem papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres, os primeiros os provedores e as segundas as cuidadoras dos membros dos núcleos familiares. Embora nas últimas décadas tenha havido mudança no que tange



aos papéis de gênero na sociedade brasileira, isso não significa que padrões tradicionais e conservadores mais consolidados socialmente coexistam, como mostra Aquino (2013) para o caso de Minas Gerais. Como descreveram Silva, Nascimento, Diniz (2018) sobre a cidade de Belo Horizonte nos anos 1980,

A vida social e política era dominada por uma elite conservadora, nacionalista, católica e afinada com as práticas e valores da ditadura militar então vigente, cujo espectro ainda se fazia sentir. Do outro lado da cena social e política encontravam-se os headbangers, popularmente conhecidos como metaleiros, que com suas roupas pretas, cabelos compridos e adereços exóticos eram estigmatizados como satanistas, drogados, devassos e vagabundos, personificando o mal aos olhos da elite conservadora. (SILVA; NASCIMENTO; DINIZ, 2018, p. 651)

Considerando que o é, para além de um estilo ou movimento musical, uma forma de expressão cultural e um estilo de vida, observa-se que para os músicos e os amantes do “metal” o contexto conservador hegemônico da cidade operou como um contraponto repressor às ideias e aos ideais compartilhados pelo grupo. É nesse sentido que se argumenta aqui que o contexto da “tradicional família mineira”, paradoxalmente, propulsionou o desenvolvimento criativo do movimento *heavy metal* em Belo Horizonte capitaneado pela Cogumelo Records.

### Considerações Finais

Pode-se concluir que a Cogumelo não apresentou apenas os 3 Ts como sustentação de seu território. Embora haja presença de tecnologia, tolerância e talento, percebeu-se uma grande participação da influência, às avessas, da “tradicional família mineira” e daquilo que ela significa em termos de ideias, práticas e comportamentos, isto é, de um contexto social menos disposto à diversidade. Como resultado, no espaço físico e simbólico que representou a Cogumelo, considerando-se tanto a loja como a gravadora, reforçou-se a dimensão de “resistência” do processo de expressão dos amantes e participante do *heavy metal* em Belo Horizonte, particularmente, e em Minas Gerais, mais amplamente. O exemplo da Cogumelo traz à tona a possibilidade de análise a

partir de um arcabouço teórico, mas que pode e deve ser problematizado a partir de especificidades culturais, sociais, políticas e econômicas dos contextos estudados.

## Referências

AQUINO, Giselle Braga de. **A “tradicional” família mineira: um estudo sobre as famílias do interior da Zona da Mata**. 2013. 257 f. Tese (Doutorado)– Programa EICOS. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FLORIDA, Richard. **The rise of the creative class** – and how it’s transforming work, leisure, community and everyday life. Nova York: Basic Books, 2002

HOWKINS, John. **The creative economy**: how people make money from ideas. Londres: Allen Lane, 2001.

NAÇÕES UNIDAS. **Relatório de Economia Criativa 2010**: economia criativa, uma opção de desenvolvimento. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. Disponível em: [https://unctad.org/pt/docs/ditctab20103\\_pt.pdf](https://unctad.org/pt/docs/ditctab20103_pt.pdf). Acesso em: 20 maio 2020.

QUIGLEY, John M. Urban diversity and economic growth. **Journal of Economic Perspectives**, v. 12, n. 2, p. 127-138, Spr. 1998. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/jep.12.2.127>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SILVA, Gleyber; NASCIMENTO, Leonardo; DINIZ, Alexandre. Na trilha do metal: a construção de territorialidades das bandas de heavy metal em Belo Horizonte nos anos 1980. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.28, n.54, p. 650-673, jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/download/17939/13334>. Acesso em: 08 jun. 2020.

TREMBLAY, Gaetan. Criatividade e pensamento crítico. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.34, n.1, p. 255-266, jan./jun. 2011.

VIVANT, Elsa. **O que é uma cidade Criativa?** São Paulo: Senac São Paulo, 2012.